

15103 - Agroecologia e saúde sob o olhar dos jovens do meio rural ingressantes na Universidade Federal da Fronteira Sul no ano de 2012 - Câmpus Realeza/PR

Agroecology and health from the perspective of rural youth students the Universidade Federal da Fronteira Sul in 2012 - Campus Realeza / PR

TRICHES, Rozane Marcia¹; TASCA, Cassiani Gotama²; GIOMBELLI, Giovana Paludo³; SCHABARUM, Joseane Carla⁴

¹ Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS, rozane.triches@uffs.edu.br; ² Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS, cassiani.tasca@uffs.edu.br; ³ Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS, gp.giombelli@hotmail.com; ⁴ Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS, joseschabarum@hotmail.com

Resumo

Este trabalho buscou visualizar a percepção dos jovens rurais ingressantes no processo seletivo de 2012 na Universidade Federal da Fronteira Sul do Campus Realeza (PR) sobre agroecologia e saúde. A pesquisa foi realizada a partir de um questionário semi-estruturado, que teve por objetivo levantar dados para descrever o perfil dos jovens advindos da zona rural do estado do Paraná. Verificou-se que há pouca disseminação sobre os conceitos de agroecologia e sua implementação em relação às tecnologias (transgenia) do sistema produtivista dominante. Além disso, há uma preocupação com a saúde, mas os alimentos industrializados fazem parte da dieta habitual na maioria das pessoas do meio rural.

Palavras-chave: saúde; juventude; rural; desenvolvimento; universidade.

Abstract

This study aimed to visualize the perception of rural youths entering the selection process, 2012 at the Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Realeza (PR) on agro-ecology and health. The survey was conducted from a semi-structured questionnaire, which aimed to collect data to describe the profile of young people coming from the rural area of the state of Paraná. It has been found that there is little spread on the agro concepts and their implementation in relation to technologies (transgenic) production-dominant system. In addition, there is a health concern, but the industrialized foods are part of the usual diet in most rural people.

Keywords: health, youth, rural, development, university.

Introdução

O Sudoeste do Paraná é composto por 42 municípios e segundo o Censo de 2010, detém 587.505 habitantes. Concentra uma parcela significativa da população rural do estado, perfazendo a segunda mesorregião menos urbanizada (em torno de 55%). Observa-se ainda que a mesorregião Sudoeste Paranaense tem mantido sua característica de *locus* da agricultura familiar no Estado. A produção agrícola corresponde a 79,51% da receita bruta do setor (IBGE, 2010). No entanto, na grande maioria dos municípios, a pauta agrícola é pouco diversificada e reproduz o padrão da mesorregião Sudoeste, com predominância dos cultivos de soja e milho. Para 26 dos 42 municípios esses dois produtos representam mais de 70% do valor da produção agrícola.

Nesse sentido, destaca-se a ocorrência desde a década de 1980 de um decréscimo populacional substancial, principalmente no meio rural, sendo um dos mais expressivos do Estado nos anos de 1990. Além disso, a região mantém uma renda per capita menor que a estadual. Este cenário está associado em grande parte ao perfil econômico especializado na produção agropecuária de pequenos e médios produtores, mas com baixa agregação de valor. Dessa forma, tem-se considerado que o esvaziamento populacional seria o principal sintoma de que a região estaria atravessando uma crise social e econômica, sendo a dependência da produção de *commodities* de grãos agrícolas, sua principal causa (PERONDI, 2007). A menor renda per capita se explicaria pelo fato do setor primário se constituir da maior fonte de remuneração da população e ser controlado pelo segmento de abate e industrialização dos produtos, o qual abarcaria a maior parte dos recursos em detrimento dos agricultores - ou seja, fruto de uma relação de monopólio que se estabelece entre a indústria e os agricultores integrados.

Com isso, considera-se a importância de buscar estratégias de diversificação econômica e que auxiliem na sustentabilidade social, ambiental e econômica da região. A agregação de valor aos produtos da agricultura familiar poderia tornar estes produtores mais autônomos e independentes das grandes indústrias de insumos, processadoras e varejistas, de forma a reter maior parcela de recursos dos gêneros produzidos, alcançando mais mercados. Portanto, salientam-se duas principais ações a serem desenvolvidas: 1) diversificação de culturas, com incentivo a formas diferenciadas de produção com certificação orgânica/agroecológica e; 2) acesso a novos mercados, adequando a produção da agricultura familiar aos mercados formais e aos novos nichos de mercado consumidor. Nos dias atuais, mercados para produtos orgânicos ou ecológicos encontram-se cada vez mais em evidência no país e no mundo. Consumidores preocupados com a saúde e/ou por razões ideológicas desejam para além de uma alimentação saudável, estabelecer novos padrões de consumo, que requerem a produção de alimentos livres de agroquímicos e de transgênicos, assim como a criação de animais que respeite parâmetros de seu bem-estar.

Além disso, nos últimos anos tornou-se nítida a ocorrência de várias mudanças no meio rural, principalmente com a modernização agrícola que atingiu também a agricultura familiar. Com ela, a estrutura do campo modificou-se e problemas como a masculinização, o êxodo rural e o envelhecimento da população do campo ficaram mais evidentes, desse modo a reprodução social da agricultura familiar ficou comprometida (ABRAMOVAY et al., 1998).

Nesse contexto, passa a ser importante a formação dos jovens, subsidiando-os para promover o desenvolvimento rural de forma sustentável, auxiliando e incentivando-os a permanecer no meio rural. O termo “jovem rural” possui ainda, o peso de uma posição hierárquica de submissão, principalmente pela parte dos pais, em um contexto marcado por difíceis condições econômicas e sociais de produção familiar (GUARANÁ, 2009). Os jovens que estão na universidade já participam das decisões dos assuntos familiares, o que demonstra de certo modo a sua valorização enquanto membro da unidade familiar.

Por sua vez, a Universidade Federal da Fronteira Sul - *Campus Realeza*/PR foi implantada para estimular o desenvolvimento regional local, visando principalmente

o acesso à universidade de jovens do meio rural e estudantes de escolas públicas. Dessa forma, este trabalho faz parte do “Projeto Juventude Rural e as Redes Sociais de Aprendizagem” que objetiva articular o uso de metodologias como a multimídia, a fim de explorar o potencial pedagógico e tecnológico como aliado na promoção da inclusão dos jovens do meio rural. Em seu momento diagnóstico, buscou, dentre outras informações, verificar qual era a percepção destes jovens em relação à agroecologia e a assuntos como agrotóxicos, transgênicos e saúde, tentando vislumbrar o que eles pensam e, portanto, que influências potencialmente teriam sobre as decisões familiares.

Metodologia

A pesquisa em questão foi realizada a partir de um questionário semi-estruturado, que teve por objetivo levantar dados para descrever o perfil dos jovens vindos da zona rural do estado do Paraná, que ingressaram na UFFS a menos de um ano, ou seja, no processo seletivo de 2012. O tempo de aplicação foi de aproximadamente uma hora, sendo aplicados *online* com a emprego de um formulário criado no *google drive*.

De acordo com os dados do Sistema de Gestão Acadêmica (SGA - UFFS), do total de 270 alunos ingressantes na Universidade Federal da Fronteira Sul, pelo Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) no ano de 2012, 20% são oriundos do meio rural, porém o percentual dos que responderam ao questionário corresponde a 12%.

Resultados e discussão

A partir do questionário aplicado com os jovens advindos do meio rural, obteve-se resultados congruentes sobre seu modo de vida e o que pensam. O perfil socioeconômico dos estudantes entrevistados é caracterizado pela pequena propriedade rural, em 79% dos casos a terra é própria e a renda mensal das famílias é de até 3 salários mínimos. Os jovens pesquisados em sua maioria estão na faixa etária entre 15 e 20 anos de idade (68%) e entre 21 a 25 anos de idade (25%). A maior parte dos jovens que responderam o questionário eram do sexo feminino, 26 dos do total de 33 jovens, representando 79% e os 7 restantes eram do sexo masculino correspondendo a 21%. Casagrande *et al.* (2012) encontra percentuais semelhantes 70% (moças) e 30% (rapazes) quando pesquisa a quantidade de jovens por sexo inseridos na universidade, concluindo também que a migração das moças é maior que dos rapazes.

Em relação à agroecologia, número expressivo dos jovens (42%) não sabe definir seu significado, e somente 30% trabalha ou conhece alguém que trabalha com agroecologia. Ainda menor é o percentual de jovens que diz conhecer experiências em sua comunidade, apenas 18%. Percebe-se que ainda é restrita a disseminação do conceito e princípios agroecológicos e, mais ainda, de sua implementação concreta. Os jovens ainda não têm clareza sobre do que se está falando quando se utiliza o termo agroecologia. Nesse sentido, os 27% que referenciaram ser um processo inviável, o fizeram por desconhecimento de causa. Dentre os que consideravam a agroecologia viável justificaram sua posição pelos benefícios econômicos, visto alcançarem nichos de mercado. Mas também muitas respostas revelaram a sustentabilidade do sistema refletido na questão ambiental e de saúde. Não houve por parte

dos jovens referências às questões sociais, de equidade e de relações de poder relativas aos modelos dominantes e excludentes.

Observa-se, portanto em suas respostas uma tendência a entender agroecologia na forma de “Agriculturas Ecológicas” que nem sempre aplicam plenamente os princípios da Agroecologia, já que parte delas está orientada quase que exclusivamente aos nichos de mercado, relegando a um segundo plano as dimensões ecológicas e sociais (EMPRABA, 2006).

Por outro lado, 33% dos jovens referiram utilizar sementes transgênicas nas plantações de soja e milho e 45% fazem uso do milho e soja produzidos na propriedade. Ou seja, se considerarmos os percentuais anteriores, praticamente o dobro dos jovens cita o uso de sementes transgênicas em comparação ao conhecimento sobre experiências de agroecologia em suas comunidades. Este fato deixa explícito a ampla e rápida disseminação das novas tecnologias do modelo produtivista, em contraponto ao desconhecimento e perda das técnicas mais tradicionais e consonantes à manutenção da biodiversidade e à busca da sustentabilidade, muitas vezes consideradas atrasadas e arcaicas.

Relativamente à saúde pontuou-se perguntas sobre a utilização de agrotóxicos e antibióticos, além do consumo de alimentos industrializados e frutas e verduras. 94% dos jovens diz respeitar as carências no uso de agrotóxicos e 91% as carências no abate de animais e utilização do leite depois do uso de antibióticos. 15% já teve intoxicações por agrotóxicos na família. Perguntados sobre os danos que os agrotóxicos podem provocar, as respostas referenciaram questões de saúde como cânceres, problemas genéticos, intoxicações, problemas dermatológicos e morte e ambientais como poluição, contaminação de rios e erosão. Por outro lado, 97% consomem produtos industrializados (margarinas, embutidos e enlatados) e 85% dizem consumir frutas e verduras colhidas em casa, sendo que apenas 15% referenciaram a compra em mercados. Majoritariamente, as respostas indicam uma preocupação com estas questões. No entanto, verifica-se a influência da industrialização dos alimentos em sua dieta habitual, revelando a outra força de coerção do sistema produtivista, no sentido de viabilizar consumo de produtos nem sempre adequados e saudáveis.

Conclusões

Destaca-se assim, que a juventude rural precisa de uma maior atenção, já que muitos autores apontam para um contínuo êxodo para o meio urbano, levando à um sério problema social, uma vez que essas terras deixarão de fazer parte do circuito produtivo, e junto com isso entra em questão a própria reprodução social da pequena agricultura enquanto um modo de vida. Além do mais a educação, nos dias atuais, é a chave para o destino ocupacional dos indivíduos, as exigências formais para as “seleções” de emprego tendem a ser definidas pelo grau educacional atingido.

Nesse sentido, a juventude rural deve necessariamente estar ligada à gestão da unidade produtiva familiar, para assim tentar minimizar dois problemas: a gestão da unidade produtiva e a reinserção do jovem na sucessão das unidades produtivas familiares, a fim de contribuir para a manutenção da categoria de agricultores familiares que exercem papel decisivo no desenvolvimento da economia do país.

Através da realização deste diagnóstico pôde-se verificar a importância das Instituições de Ensino Superior em disseminar e esclarecer sobre o sistema agroalimentar e os modelos de desenvolvimento no sentido de “assegurar o acesso à educação superior como fator decisivo para o desenvolvimento da região fronteira sul, a qualificação profissional e a inclusão social” (UFFS, s.d.). Assuntos como agroecologia e saúde devem ter relevância nas discussões com os jovens para que possam continuar o trabalho na agricultura de forma a articular a produção e o consumo de alimentos vislumbrando ganhos econômicos interligados à biodiversidade e à sustentabilidade do sistema sob o ponto de vista socioambiental e de saúde.

Referências bibliográficas

ABRAMOVAY, R.; SILVESTRO, M. L.; CORTINA, N.; et al. **Juventude e agricultura familiar: desafio dos novos padrões sucessórios**. Brasília: Edições Unesco, 1998.

CASAGRANDE, D. P. et al. **Projetos profissionais de jovens universitários/as que residem no meio rural: estudo de caso dos/as jovens do município de Meleiro, SC**. Interações (Campo Grande) vol.13 n.2. Campo Grande jul./dez. 2012.

EMBRAPA. **Marco referencial em Agroecologia**. Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica, 2006. 70 p.

GUARANÁ DE CASTRO, E. **Juventude rural no Brasil: processos de exclusão e a construção de um ator político**. Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud, Vol. 7(1), p. 179-208, 2009.

IBGE. Disponível em:<<http://www.ibge.gov.br/home/>>. Acesso em: 29 de maio de 2013.

PERONDI, M.A; **Diversificação dos meios de vida e mercantilização da agricultura familiar**. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) PGDR/UFRGS, Porto Alegre, 2007.

Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). **A Instituição**. Disponível em: <http://www.uffs.edu.br/index.php?option=com_content&view=article&id=90&Itemid=822>. Acesso em: 29 de mai de 2013.